

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS IDENTIDADES DE GÊNERO CIRCULANTES NO DISCURSO PEDAGÓGICO E ENTRE OS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ANOS FINAIS¹

Cauana Peyrot Conceição², Maria Simone Vione Schwengber³.

¹ Pesquisa institucional desenvolvida no Departamento de Humanidades e Educação – DHE –, pertencente ao grupo de Pesquisa Bolsas de Iniciação Científica CNPq (2012-2013).

² Aluna do Curso de Graduação Em Educação Física, bolsista PIBIC/CNPq 2012-2013, cauanapc@hotmail.com.

³ Professora doutora do Departamento de Humanidade e Educação, orientadora, simone@unijui.edu.br.

Introdução

O presente objeto de estudo busca compreender a polêmica relacionada ao uso dos corpos e à desigualdade de oportunidades entre gêneros, a fim de verificar se as diferenças se mantêm ou se diluem, sobretudo na Educação Física escolar.

A história da cultura ocidental é marcada por polêmicas relacionadas ao uso e finalidade dos corpos masculinos e femininos. No imaginário social, de um lado um destaque às imagens masculinas de um corpo ativo, rápido, veloz, malhado, robusto, definido, forte, que denota poder, força e virilidade, de outro, imagens femininas de corpos mais passivos, recatados, enfatizando a beleza das formas.

Podemos dizer que há pequenas e grandes diferenças no registro das imagens masculinas e femininas quando relacionadas ao uso dos corpos e às práticas de esporte. Corroborando com estas ideias, Miragaya (2002), Knijnik (2003) e Goellner (2006) sugerem que é normal homens serem apresentados extenuados, suados, o que confirma a existência de um padrão de valorização e tendência à exaltação pelo esforço depreendido em função dos feitos masculinos nas práticas e vida esportiva.

Em contrapartida, o que se tem como normal para o comportamento feminino é sua beleza corporal, exaltada e mostrada. Miragaya (2002), Knijnik (2003) e Goellner (2006) constatam que as imagens focam geralmente o corpo feminino belo e sensual em detrimento da representação de corpos em movimento no esporte, o que explicaria uma vida menos ativa e esportiva do feminino. As performances esportivas (corporais) femininas geralmente são relegadas a segundo plano. Dá-se preferência a imagens corporais e de beleza em conformidade com os padrões convencionados e preestabelecidos pela própria cultura.

Na grande maioria das imagens de atletas do gênero feminino, o retratamento é feito de costas, evidenciando glúteos, e raramente aparecem suadas e/ou despenteadas. Já o homem é retratado pondo em evidência a vida ativa, a competitividade, a força e a resistência corporal e emocional, sendo exaltado, na maioria das ocasiões, durante a execução de gestos técnicos, no auge das performances e nos momentos decisivos de confrontos corporais de uma partida.



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

Conforme Romero (2005), diante do exposto temos a contenda de que a mulher não recebe o mesmo tratamento dado ao homem pelas imagens, aqui as esportivas, uma vez que o apelo estético e sexual feminino é enaltecido e há ainda elementos que a destaca como sexo frágil.

Grande parte desse ideário social acerca da feminilidade e da masculinidade é pré-formado pelo que se veiculam em esculturas, desenhos, pinturas, mosaicos, cinemas, revistas, jornais, TV e nos meios de comunicação, reproduzindo representações de gênero. Compreendemos como pedagogias culturais que ensinam maneiras de ver e pensar os corpos femininos e masculinos e suas relações com os esportes (vida ativa) (MUHLEN, 2008). A partir desta perspectiva, depreendemos que há discrepâncias na forma de representação masculinas e femininas pelas imagens esportivas na cultura.

Destacamos que em grande parte dessas representações visuais há dualidade, em que aos meninos cabiam as atividades corporais que exigem força, resistência, agilidade, e às meninas as mais passivas, lentas, flexíveis, por serem consideradas como menos capazes de desenvolver atividades esportivas. Desse modo, nos interessa compreender como as diferenças se mantêm e/ou se diluem na escola, sobretudo nas aulas de Educação Física.

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa, com caráter de inspiração etnográfico, tipo estudo de caso, que visa à observação do grupo de alunos, tentando entender seu comportamento nas aulas de Educação Física e a sua convivência com os colegas do sexo oposto. A turma observada nas aulas de Educação Física é de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de Ijuí (RS). Os sujeitos são alunos dos 7º e 8º anos, nas quintas-feiras, das 13h30min às 17h30min.

Entendemos que as aulas de Educação Física ensinam várias formas de olhar os corpos femininos e masculinos. A partir destes pressupostos, nosso objetivo principal foi o de analisar as oportunidades dispostas para meninos e meninas na Educação Física escolar.

Resultados e discussão

Os objetivos centram-se em compreender como e quais narrativas de identidades de gênero são construídas a partir da ação discursiva docente e da ação discursiva entre os alunos do mesmo gênero. Temos ainda como indagações de pesquisa: Como acontecem as aulas de Educação Física? As diferenças de oportunidades se mantêm e/ou se diluem?

Das análises que resultaram, observamos um "emaranhado de exclusões" vivenciado por meninas e meninos no ambiente escolar, considerando que a categoria de gênero se associa à de idade, força e habilidade.

Dessa forma, compreendendo gênero como uma categoria relacional, onde destacamos nas análises um discurso entre dois meninos em que um diz ao outro: "... aposto que até a professora joga melhor que você". Perguntamos: O que leva um menino a inferir isso? O menino desvaloriza a mulher, que é a própria professora, sendo ela a autoridade legitimada em termos de conhecimento. Este depoimento do aluno aproxima o esporte de um ritual de confirmação da virilidade, de coisa de homem. Culturalmente "o esporte tem sido um terreno" onde a masculinidade se comprova. Neste





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

sentido a "escola" na qual se aprende a valorizar o ser homem e a desvalorizar o ser mulher; um espaço cultural onde, muito frequentemente, os meninos e os homens aprendem a se enaltecer desvalorizando o fisicamente mais fraco, nomeado mulheres (SABO, 2002).

Destacamos as habilidades "precárias" das meninas, o que acaba excluindo-as das aulas de Educação Física. As meninas observadas necessitam de um espaço de aprendizagens motoras que as influenciariam na prática esportiva, mas estas oportunidades não lhes são propostas em aula. As meninas ficam limitadas a poucas atividades que não variam, não sendo estimuladas à prática de esportes de invasão e, quando a eles têm acesso, acabam desistindo do jogo e partindo para uma atividade mais "leve".

Conclusões

Como observado, os meninos dominam as meninas e a professora ainda volta a sua atenção a eles, deixando em desvantagem as meninas quanto às oportunidades de aprendizagens condizentes à prática esportiva. Conforme verificado, quando a aula ocorre de forma mista os garotos reprimem as meninas e estas acabam desanimando do jogo e escolhem outra atividade, deixando o espaço livre aos meninos.

A diferenciação das práticas vivenciadas por meninos e meninas, sobretudo nas aulas, acarreta distinção de habilidades e práticas comumente a um e a outro. Quando pequenos, os meninos são estimulados à realização de atividades livres, como jogar bola na rua, rolar no chão, andar de bicicleta, ações que oferecem riscos e desafios. As meninas, no entanto, são desencorajadas a praticar atividades desse caráter, influenciando no resultado da motricidade.

Dessa maneira, partindo do pressuposto de igualdades entre os gêneros, essa similitude começará quando educadores de Educação Física estimularem as meninas para a prática esportiva, desenvolvendo e aperfeiçoando suas habilidades não só no vôlei; assim quebrarão a primazia de que meninas podem apenas jogar vôlei, e futebol é coisa de menino.

Fomento: PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Gênero. Corpo. Habilidades motoras. Desigualdades.

Agradecimentos ao CNPq pelo financiamento e incentivo a iniciação científica.

Referências

ALTMANN, Helena; SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. Cadernos Cedes, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 52-64, ago. 1999.

GOELLNER, S. V. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. Labrys, Estudos Feministas, v. 10, p. 12, 2006.





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

KNIJNIK, J. D. A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: DA COSTA, L. P.; TURINI, M. Coletânea de textos em estudos olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. V. 1.

MUHLEN, J. C. V. Pan-Americano Rio 2007 – análise dos discursos sobre gênero e sexualidade produzidos pela mídia esportiva. In: Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 12. 2008. Disponível em: <http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio_trabalhos_aceitos_convertido.html>. Acesso em: 19 jun. 2013.

SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C. B. (Org.). Coletânea gênero plural. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ROMERO, Elaine. E, agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento e a imprensa esportiva. Labrys: Estudos Feministas, vol. 8, ago./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys8/perspectivas/elaine.htm>>. Acesso em: 16 de jun. 2013.